



A SERVIÇO
DOS POVOS
INDÍGENAS

MENSAGENS

JULHO / AGOSTO - 2010
EDIÇÃO Nº 182



Estamos no

PLANETA

A saúde é um dos problemas principais de cada pessoa e sociedade. A saúde regula e define o tipo de religiosidade, a relação com o sobrenatural, a vida das aldeias. Por exemplo, a festa do Turé celebrada entre os povos indígenas Karipuna, Galibi-Marworno e Palikur é organizada para agradecer aos espíritos que curaram as pessoas através do serviço do pajé. O turé está relacionado com a saúde. Nas mesmas aldeias se realizam as festas dos padroeiros e dos santos. É a mesma coisa: os festeiros são os que pagam a promessa por graça recebida – e a graça quase sempre é uma melhora na saúde. O mesmo esquema da festa do Turé é traduzido para uma festa católica.

Mas a saúde também é um tema político. Frente ao anúncio da criação da Secretaria Especial de Saúde Indígena, temos que ter claro que a solução da saúde depende de nossa participação e de nossas propostas. Chega de esperar soluções e propostas de cima. Os povos de Mato Grosso fazem propostas. E porque não a sua aldeia? seu povo? e sua organização?

A saúde é o problema principal de todos os povos. A solução e a nova proposta exigem sua participação. Não deixem os outros decidir o seu futuro. Participem do mutirão e apresente suas propostas. Se você nos enviar nós vamos publicar.

E assim é para tantos outros assuntos que afetam nossas vidas, como a proposta de mudança no Código Florestal. Os parlamentares, muitas vezes para seu próprio benefício, fazem leis que prejudicam a nós e a nossa Mãe Natureza. Precisamos participar, nos manifestar, protestar, propor idéias melhores. As eleições vêm aí. O que está acontecendo na sua região? Escreva logo para todos saberem no próximo número do Mensageiro.

Olho vivo! Não podemos deixar o Curupira na mão. Sozinho ele não resolve. Depende de nós!

O Mensageiro continua a levar para o público indígena indicações quanto a conjuntura, cultura e sonhos dos povos indígenas. Os temas poderiam e deveriam ser trabalhados na sala de aula e discutidos em grupos e assembleias.



Publicação do Conselho Indigenista Missionário

Esta Revista nasceu em 1979 por iniciativa de 5 tuxauas

É uma revista de: informação
formação e
intercâmbio a serviço
dos Povos Indígenas

ISSN 1679-2335

CAPA E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: ARTUR DIAS.

Correspondência para:

Caixa Postal 41

CEP 66.017-970 - Belém - Pará - Brasil

Telefone: (091) 3252 - 4164 | Fax: (091) 3252 - 2312

E-mail: cimiblm@amazon.com.br

Site: www.mutiraoamazonia.org.br



Instrumento usado pelos mensageiros no Alto Amazonas. Com ele avisavam as aldeias quando traziam notícias.

ATÉ QUANDO?

Texto: Padre Patrício Brennan - Fotos: Pe. Gregório

“Faz sete anos que o MENSAGEIRO e o CIMI Norte 2 lançaram uma campanha pela demarcação das terras do Povo Arara da Cachoeira Seca no Rio Iriri. Os Karipuna, Galibi, Galibi Marworno e Palikur do município de Oiapoque, ajudaram na campanha.

Como agora trabalho na Paróquia Nossa Senhora Aparecida, em Placas, município que fica próximo à área do povo Ugorogmo – (chamado Arara) Estado do Pará, tinha vontade de conhecer este povo sofrido. Combinamos uma visita com o Cleanton do Cimi de Altamira e com Pe. Gregório que também trabalha na Paróquia Nossa Senhora Aparecida.

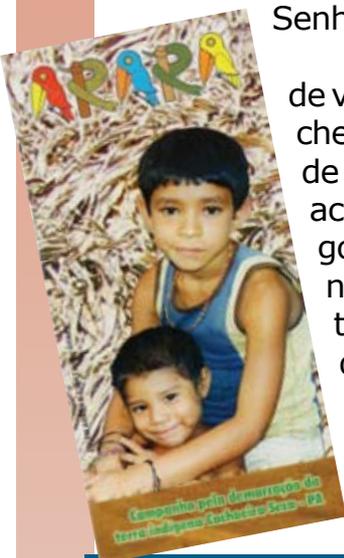
Depois de quase dois dias de viagem pelos rios Xingu e Iriri chegamos na Aldeia dos Arara de Cachoeira Seca. Fomos acolhidos como velhos amigos, com mulheres e crianças na beira do rio com presentes para os famintos, batata doce, cará e jerimum entre outras coisas. Cleanton é muito conhecido aqui porque trabalhou na aldeia como técnico de enfermagem durante quatro anos. Da mesma maneira fomos acolhidos pelo casal Ingrasso (Funai) e Dilcilene (atual Técnica de Enfermagem).

O povo perguntava “Onde você mora?”. Quando disse que morava em Placas eles lembraram que foi de lá que vinham os helicópteros da Eletronorte. Logo em seguida chegaram os homens da aldeia. Eles tinham ido rio abaixo para buscar palha para cobrir a Casa Grande e a animação estava grande porque trouxeram também peixe, jabuti e porco do mato.



Tragédia:

À noite nos convidaram para uma reunião da comunidade. A casa estava cheia com homens, mulheres e crianças. Apesar das campanhas e promessas, a área ainda não foi demarcada. Os invasores não foram retirados e há notícias de madeiras tirando madeira dentro da área deles. Agora têm três estradas que varam da Transamazônica até na beira do Rio Iriri cortando a área indígena que foi proposta pela Portaria nº 26/MJ de 22/01/93. Duas das estradas foram feitas nos últimos dois anos. A ganância do homem branco não tem limite.



Folder da Campanha pela demarcação da Terra do povo Ugorogmo.





Cultura.

Todos ainda falam a sua língua, mas cada vez mais estão falando o Português. Só os mais velhos que não falam. Eles gostam de conversar e fazer perguntas e cantam muito bem. Na última noite nos convidaram para a dança deles puxada pela Pajé Yogó e mais duas senhoras de idade com suas flautas. A primeira dança foi do encontro com os brancos, a segunda do porco e a terceira da preguiça.

A Volta.

É um povo muito querido, trabalhador que planta, caça, pesca, canta

e dança. É um povo sem maldade, sem malícia e fiquei preocupado que com sua simplicidade e inocência eles podem facilmente ser vítimas dos malvados, daqueles que querem manipular e enganá-los. Insistiram na nossa volta e estamos planejando uma visita de alguns deles a Placas para pedir o povo de lá não invadirem a área deles e ajuda-los na luta pela demarcação.

Notícias Mais Recentes

Desde que os Arara foram atraídos em 1983, índios e aliados pelem pelo reconhecimento de seu território, interesses de empresários e políticos que se utilizaram dos lavradores impediram a demarcação da terra indígena.

Agora é a vez dos trabalhadores rurais de Uruará proporem a demarcação de sua iniciativa. Há anos os Arara de Cachoeira Seca denunciam o desmatamento e as invasões. O Ministro da Justiça e a Funai prometeram reconhecer o direito à terra e mais uma vez, os invasores, encobrendo interesses maiores estão na frente.

Os Arara chegaram também no limite de sua paciência e de sua confiança na justiça.

OS TIRIYÓ E FREI PAULO: HISTÓRIA DE AMIZADE.



A Amazônia cuida bem dos seus filhos, quando eles sabem entendê-la e amá-la. O alimento, a moradia, a tranquilidade do amanhã, tudo isso é o cotidiano do povo Tiriyo, da Terra indígena Tumucumaque, no Norte do Estado do Pará. É também uma conquista, na qual contaram com a ajuda preciosa de Frei Paulo, que

agora nos traz um relato do seu trabalho e um retrato atual da vida e cultura Tiriyo.

Vamos apresentar alguns trechos da entrevista de Frei Paulo. O depoimento integral tem onze páginas, e foi gravado por Maria Cristina Troncarelli, em junho de 2008, na Missão Tiriyo.

Frei Paulo, nordestino e filho de vaqueiro, é um conhecedor não apenas da criação de gado como também da agricultura. Ele conta que chegou a plantar arroz na Missão Tiriyo, mas reconhece que arroz e feijão não são, para os Tiriyo, um plantio adequado:

"A mandioca sim é uma cultura tradicional deles. A mandioca a família planta e quando está com fome o marido vai com a mulher e arrancam, fazem bebida e beiju. A mandioca está lá dentro da terra. Outras agriculturas como a do arroz e do feijão, que a gente queria transmitir para eles, dão muito trabalho: tem que plantar, limpar, quando frutificar tem que pasturar os passarinhos, tem que colher, tem que bater. Isso não

pegou, não é mesmo da cultura deles. Outros produtos que incentivei aqui deram certo, como a batata doce, a cana e a banana."

O norte do Estado do Pará, até meados da década de 70, era área militar. O acesso dos missionários à região se dava em parceria com a Força Aérea Brasileira – FAB. A "base" de atuação do Frei Paulo era na chamada "Missão Nova", em torno da qual foram morar várias famílias de Tiriyo e Kaxuyana, atraídos pelos serviços que a Missão oferecia: um ambulatório e uma loja onde se faziam as vendas e trocas de artesanato indígena.

continua na próxima página





ele ao Kuxaré, para ver uma aldeia em que ele havia morado, mas havia abandonado. Ele queria voltar para lá para morar. Ele insistiu, insistiu. Eu estava cheio de trabalho por aqui, mas eu vi que ele tinha um objetivo grande, por isso eu falei com meu superior: 'O Awiri está me convidando para ir com ele até o Kuxaré, ele quer voltar para lá.'

Então eu fui com Awiri. Eu pensava que era perto, mas foram dois dias de viagem. Fomos até a região do Castanhal, onde ele morava antigamente.

Lá eu vi esteios de casa, panelas de barro, pedra de fazer beiju. Eu fiquei revoltado ao ver os vestígios de ocupação da aldeia e com o fato deles terem abandonado tudo e ido para o Suriname. Eu pensei: por que esses missionários não vieram para o Brasil em vez de tentar levar o pessoal para lá.

Awiri, este grande chefe, morreu em 2002. Ele foi o primeiro a reocupar as terras antigas que pertencem a eles, e com ele foi muita gente. Awiri me conquistou e eu fui para o Kuxaré ajudá-lo em vários trabalhos, como na abertura da pista de pouso. O Brigadeiro Camarão também nos ajudou na pista e assim começamos a reabrir o Kuxaré, que hoje é um Pólo Base no atendimento da população."

"Nessa época eu já costumava andar por essa terra, fui com Peti e outros Tiriyo para vários lugares como Moramboloientu e Paruaka, lugares distantes 8, 10 km daqui. Eu via o povo aumentando em volta da Missão e pensava: esse negócio não vai dar certo.

O Brigadeiro Camarão também me aconselhava: 'Frei Paulo, ajude a descentralizar a população indígena de perto da Missão, porque a terra deles é muito grande e está ociosa'. Você vê que hoje em dia os próprios Tiriyo e Kaxuyana estão tomando conta, matam dois ou três [bois] quando querem. Hoje está tudo entregue para eles."

A liderança de Awiri Tiriyo teve destaque na reocupação da aldeia antiga:

"Nessa mesma época um grande chefe chamado Awiri Tiriyo tinha acabado de retornar do Suriname. Ele morava antes na região do Kuxaré e Marapi, locais de aldeias antigas dos Tiriyo, mas por influência dos missionários protestantes, que queriam levar os índios para o Suriname, ele foi para lá, ficou um ano e não gostou, por isso retornou para cá.

Certo dia Awiri veio à minha casa e me convidou para ir com





Terra para eles e com a formação que vocês estão realizando essa consciência vai aumentar."

Desde 1990 não se registrou mais invasão garimpeira na terra dos Tiriyo.

As festas tradicionais

"Antigamente tinham vários pajés, alguns já morreram. O Yonare é um grande pajé que mora longe, num lugar tranquilo onde criam búfalos.

O pioneirismo de Awiri foi seguido por outros chefes, que foram abrindo aldeias: Urunai, Yawá, Maritapu, Castanhal, Pedra da Onça, Santo Antonio, entre outras. Garimpeiros e caçadores começaram a invadir a terra indígena, e era urgente que os Tiriyo mostrassem presença, para afastar esses invasores:

"Eu já sabia de tudo isso, por isso achava tão importante a ocupação do território pelos índios. Nós encontramos nas coisas dos garimpeiros sacos de arroz vindos de Roraima, acho que esses garimpeiros vinham de lá.

Onde tinha pista clandestina, hoje tem aldeia. É como no Santo Antonio, onde hoje tem o Celestino chefiando uma aldeia muito bonita. Aquela facilidade que tinha antes de garimpeiro passar por aqui, hoje acabou.

Eu acompanhei a demarcação e os Tiriyo e Kaxuyana também trabalharam, assim puderam saber a extensão e os recursos naturais da Terra Indígena. Acho que as pessoas estão se conscientizando da importância desta

de pajé que mora longe, num lugar tranquilo onde criam búfalos.

A festa do jacaré sempre aconteceu no final do ano, porque tem mais bananas e é mais fácil de pegar peixes com timbó, porque a água do rio está baixa. Também nesse tempo o pessoal coloca fogo nos campos para pegar jabuti. Eles não colocam fogo na beira do rio, colocam de preferência um pouco longe do rio. O jabuti escuta o barulho do fogo e corre na direção do rio, e logo na água



já tem uma pessoa esperando a chegada dele. Depois de 1964, da chegada dos missionários franciscanos, então juntaram a festa do jacaré com o natal.

Antigamente as festas tinham um período de caçada e o pessoal trazia muito jabuti, peixe e carne moqueados.



Chegavam uns quatro ou cinco dias antes da festa com muita comida. As mulheres faziam bebida em canoas de madeira, eram 400, 500 litros. Era muita alegria porque tinha muita fartura.

A pecuária

Esse trabalho começou em 1969 com sete reses que sobreviveram de um plantel levado pelo Brigadeiro Camarão. Quatro anos depois chegaram a 35 reses na missão.

Deve-se observar que a região onde moram os Tiriyo é de campos naturais, propício à criação de gado. Frei Paulo assumiu animais que ficaram de uma fazenda abandonada, por intermédio do brigadeiro.

Após um esforço tremendo por dentro dos alagados, frei Paulo e seu grupo conseguiram reunir 37 reses. Em pouco tempo, com os cuidados na Missão, esse plantel subiu para 100 e depois para 350

animais. A pedido dos Tiriyo do Kuxaré, Frei Paulo lhes levou por terra 25 reses. Em Urunai e Yawa também passou-se a criar gado levado por Frei Paulo.

A carne de gado é apreciada pelos indígenas, mas também há fartura de caça, com grandes bandos de porcos do mato.

Algumas mudanças sentidas:

"Aqui na Missão que é complicado, porque alguns professores estão ganhando R\$1.800,00 por mês, eles acham que esse dinheiro compra tudo que precisam, mas descuidam da parte principal, que é fazer roça. Nós temos o trator para uso da comunidade. Quando alguém pedir para o trator ajudar no trabalho da roça pode usar a área de capoeira, evitando de devastar a mata. As roças são para plantar mandioca que é a comida principal deles e não precisa de terra preta. O resto dos alimentos é complemento.

Lembranças de alguns chefes e lideranças

Quando cheguei aqui, há 39 anos atrás, o cacique geral era Yonare. Antes eles moravam espalhados, mas a Missão e a Fab oferecia bens que eles queriam, como fósforos, machados, facões. Mais tarde ele foi morar longe, numa serra, um lugar mais tranqüilo. Yonare é uma pessoa boa, trabalhador, pajé, ele tem o



poder da pajelança. Ele já tem mais de 80 anos e continua sendo uma grande liderança.

Naquela época o cacique, meu compadre Naxau, casou com a filha dele, no parentesco Tiriyo. No sistema de parentesco brasileiro ela seria sua sobrinha, mas no sistema Tiriyo é filha. Então Naxau assumiu a chefia geral. Ele também fez uma boa administração. Depois veio o Shimeto como cacique geral, até hoje. É um homem bom, da paz, participa muito de reuniões e procura cuidar e melhorar a vida da população. Awiri também foi um chefe importante. Ele trabalhava muito, marcava todas as roças, juntava o pessoal para a derrubada. No tempo dele nunca faltou mandioca pra fazer bebida e beiju.



A importância do fumo

Os pajés Tiriyo usam tradicionalmente o tabaco nas pajelanças. Usam também o tawari, que é muito cheiroso. Quando eu fumava ia tirar muita casca de tawari com o velho Awiri. Ele tirava a casca e ia batendo com um pau, a casca vai dobrando, dobrando, fica parecendo várias lâminas de papel. Depois ele cortava com a faca o tamanho que queria. Botava pra enxugar, depois fazia um pacote. Quando ele queria fazer um cigarro, colocava com duas folhas de tabaco. Ele também plantava tabaco. Quando estava amadurecendo, ele colocava dentro da casa e tratava direitinho. Nós éramos muito amigos. À noite, ele fazia meus charutos. Ele dizia que era para



ficar mais forte. O nome dele de batismo era Paulo. Ele morreu em 2001, quando eu estava na Europa, numa viagem que ganhei. Dizem que ele perguntou por mim antes de partir. Os pastores do Suriname condenavam o fumo. Awiri dizia: "Eu fumo meu cigarro, porque quem criou tudo foi Deus e o Diabo não criou nada."

Eu vi o Awiri uma vez fazendo fogo no Kuxaré, quando faltou fósforo para nós. Ele tirou fogo de pau de urucum seco, com pedacinhos de algodão. Mas demorou. Antigamente os Tiriyo sempre deixavam uma árvore com fogo, que ficava queimando semanas. Era só ir lá e tirar. Quando iam fazer caminhadas, levavam tição e brasas, para não acabar. Mahtëpi é o nome do fogo, ele também é considerado um remédio. De manhã cedo, as pessoas aquecem o corpo e nas noites de frio.



Cerâmica e outros objetos da cultura material

As mulheres mais velhas sabiam fazer cerâmica, talvez seja possível estimular a volta dessa atividade, revitalizar esse conhecimento. Os Tiriyo tinham panelas grandes para cozinhar a bebida. Precisaria de uma pessoa para estimular essa atividade.

Quando cheguei os Tiriyo usavam para se proteger dos espinhos para andar nos campos e na mata um chinelo de palha. Foi substituído pela havaiana.

Embora o arco e a flecha tenham sido substituídos pela espingarda, os Tiriyo fazem arco e flecha para as crianças. Fazem redes de olho de buriti. Antigamente havia muita plantação de algodão, as mulheres faziam o fio no fuso. O katari (cesto) ainda é usado, mas é bom ter o trator para trazer os



produtos, as roças estão ficando longe. Os pentes hoje em dia são feitos para vender.

Os Tiriyo são divididos em diferentes "famílias": Xikiyana, Xakêta, Konoyana, Preuyana, cada pessoa sabe a denominação da família de cada um. Mas todos falam a mesma língua, são um povo.

Na década de 20 o [Marechal Cândido] Rondon encontrou um grupo Tiriyo, o grupo Pianokoto. Rondon foi até o Kantani.

A chegada dos Kaxuyana

Os Kaxuyana vieram de Óbidos de avião, chegaram aqui em 1968. Eles vieram do rio Cachorro. Vieram de avião. O bispo de Óbidos, sabendo que os Kaxuyana estavam sendo muito explorados pelos regatões. Por causa da castanha, eles viviam como escravos, trabalhando para os não-índios em troca de ferramentas ou até de bebidas alco-



ólicas. Esse contato estava provocando doenças no povo Kaxuyana. Como o compadre Honório e outras lideranças andavam por Óbidos, o bispo perguntou se eles tinham interesse de morar na Missão Tiriyo. Eles acharam bom, porque estavam passando muitas dificuldades.

No começo os povos Tiriyo e Kaxuyana não queriam se misturar, mas com o tempo e a convivência ocorreram muitos casamentos. Hoje são muitos casais, muitos filhos de Tiriyo e Kaxuyana, pessoas bonitas e inteligentes.

Quando os Kaxuyana chegaram ficaram aqui na Missão, mas depois foram morar na aldeia Akapu. Depois abriram outras aldeias e foram se casando.



Protázia, uma liderança feminina na Missão

Eu conheci aqui na Missão uma mulher chamada Protázia. Ela liderava as mulheres para o trabalho de plantação nas roças, para tirar lenha, para fazer limpeza. Logo que cheguei eu plantava arroz, então chamava a Protázia para convidar as mulheres para trabalhar. As mulheres têm muita força, nas festas elas preparam bebida e comida.

Guerras antigas

Antigamente existiam guerras entre os grupos, principalmente no rio Marapi. Chegaram aqui na Missão três pessoas do povo Xikiyana que sobreviveram de um conflito, em 1970 ou 1971.

Os Xikiyana não quiseram vir de avião, preferiram vir de canoa. Várias



lideranças, como Honório, Peti, Axoti, foram avisar o bispo de Óbidos que os Xikiyana queriam vir para cá. Eles foram buscá-los e os trouxeram.

Os sonhos e os pássaros

Eu acho que os Tiriyo sonham mais que nós. Às vezes sonham com parentes distantes. Quando não tínhamos comunicação aqui, muita gente sonhava com os parentes, adivinhando quando iam chegar.



Os pássaros e outros animais também trazem avisos. Minha mãe explicava sobre um passarinho que nós chamamos "Vem-vem", amarelinho, que pousava no Juazeiro (árvore) e gritava: vem-vem, vem-vem. Minha mãe falava que ele estava avisando que algum parente ia chegar.

Os povos indígenas têm a mesma sabedoria, o mesmo conhecimento. Lá no Kuxaré quantas vezes eu ouvia o pombo cantar e o pombo tem uma melancolia quando canta, naquelas ocasiões de silêncio. Segundo alguns, ele pode contar que alguém morreu. Quando o tucano canta bem perto da casa, também é compreendido como um aviso. Essas experiências com as aves e animais estão ligadas à tudo.

Antigamente, como não tinha comunicação, a primeira coisa que víamos era o fogo. Quando alguns Tiriyo vinham do Suriname, colocavam fogo a 20 km de distância, ou mais, e a gente via a fumaça. Então já sabíamos: vem chegando gente! Nessa época os sonhos eram muito importantes como forma de comunicação, assim como o trovão forte: algumas pessoas diziam que era sinal de que tinha morrido alguém.

Tudo isso que contei são coisas que experimentei, que vi, desde que cheguei aqui em 1969, até hoje, trabalhando com os Tiriyo e Kaxuyana.

As fotos que integram esta reportagem foram tiradas por ocasião da construção dos barracões de uso comum nas aldeias de Boca do Marapi, Kuxaré, lawá, Maritepu, Pedra da Onça, Santo Antônio e Urunai. Essas casas, como o nome diz, são usadas em atividades comunitárias, como reuniões comunitárias rotineiras, encontros, palestras de formação relacionadas com os nossos direitos à terra, à saúde, à educação, à cultura, oficinas variadas como alimentação alternativa, corte e costura, auto-sustento e realização de nossas festas culturais e religiosas.. Como se pode ver em algumas fotos, cada casa recebeu uma célula fotoelétrica, que gera eletricidade a partir da luz do sol. A energia é armazenada em baterias e utilizada na iluminação à noite, o que ajuda na realização de atividades nesse período.



SECRETARIA ESPECIAL DE SAÚDE INDÍGENA! CONQUISTA OU SONHO?

Lula anunciou em 24 de março que tinha criado, através da Medida provisória nº 483, a Secretaria Especial de Saúde dos Povos Indígenas, vinculada diretamente ao Ministério da Saúde. É o sonho das organizações, caciques e agentes de saúde indígena desde a primeira Conferência Nacional de Proteção à Saúde do Índio em 1986.

Mas atenção! Lula, através da medida, reformulou a organização da Presidência da República e dos Ministérios. A medida provisória autoriza, no âmbito do Ministério da Saúde, a criação de uma nova secretaria; a promessa é de que essa nova secretaria será a de Saúde Indígena.

Porém é bom saber que este decreto será publicado em 90 dias e durante este período a Funasa continuará responsável. O decreto também terá que ser aprovado pelo Congresso antes que se torne lei.

É importante que os povos indígenas e seus aliados permaneçam vigilantes a fim de que o decreto seja efetivamente editado, bem como, que o governo garanta, junto à sua base de sustentação no Congresso nacional, a aprovação e conversão em lei, da Medida Provisória.

É importante que a discussão sobre saúde seja continuada nas aldeias e em encontros e assembléias para que os índios tenham efetiva participação neste processo!!

É por isso que vamos fornecer algumas informações que ajudem nesta reflexão e em formular propostas para reordenamento da Saúde Indígena em nível do Brasil.

A HISTÓRIA DO ATENDIMENTO da saúde indígena:

1967: Criação da FUNAI que fica responsável pela saúde indígena. A FUNAI atuou com ações de saúde esporádicas através de equipes volantes criadas em cada Delegacia Regional.

1986: I Conferência Nacional de Proteção à Saúde do Índio que reivindicou um atendimento eficaz e diferenciado. Proposição dos DSEIs-Distritos Sanitários Especiais Indígenas, sob a gerência do Ministério da Saúde.

1988: Promulgação da Nova Constituição que estabeleceu o SUS-Sistema Único de Saúde (art.198).

1992: Criação da Comissão Intersetorial de Saúde do Índio- CISI.

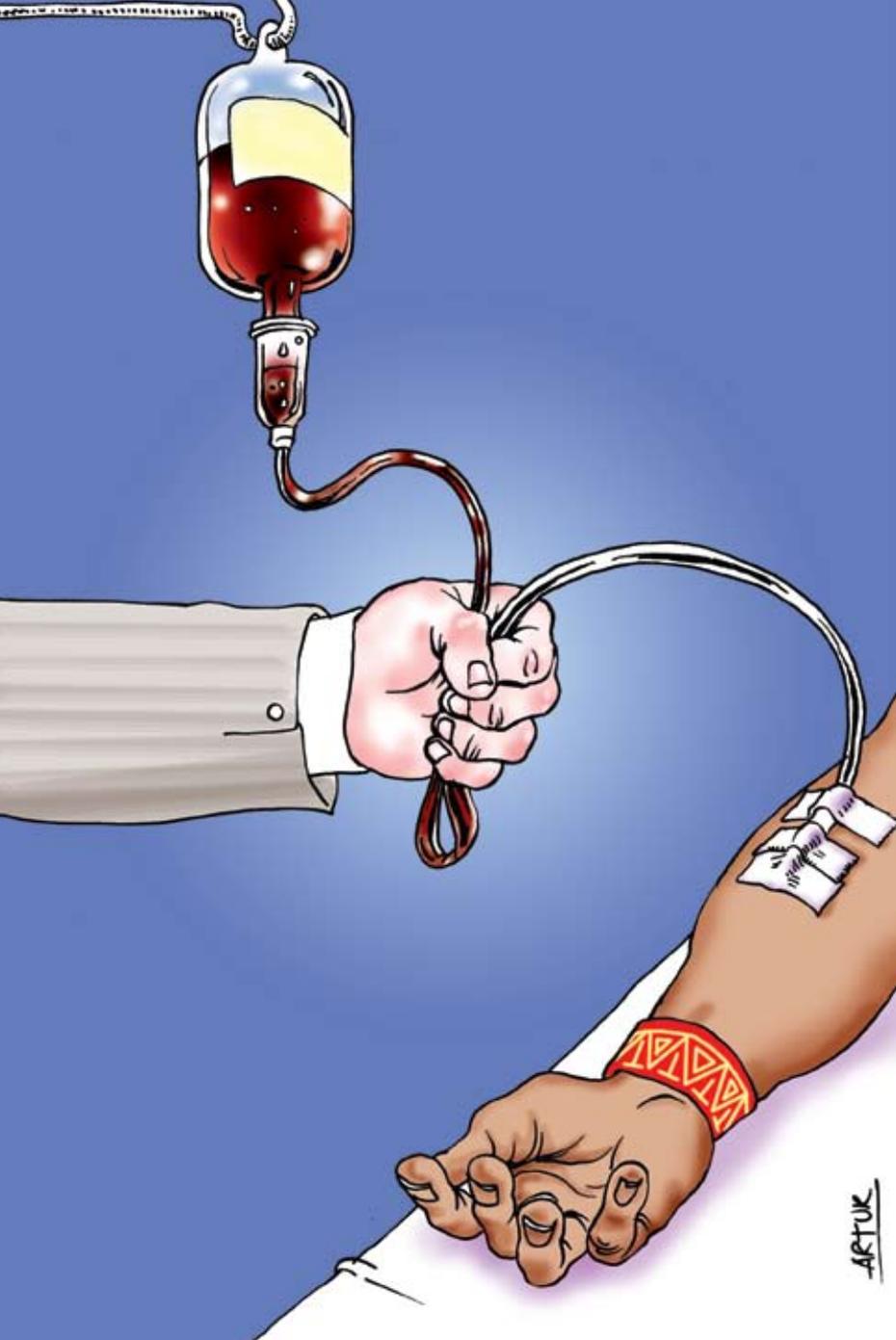
1993: II Conferência Nacional de Saúde para os Povos Indígenas. Reitera os DSEIs como base operacional, ligados ao Ministério da Saúde e administrados por Conselhos de Saúde com a participação indígena.

1994: O atendimento à saúde do índio volta à FUNAI, ficando ao Ministério as ações preventivas.

1999: Nasce a FUNASA, com o decreto nº 3156/94 e "Lei Arouca". A saúde indígena volta a ser responsabilidade do Ministério da Saúde. Este implanta 34 DSEIs em todo o Brasil. Esperava-se que a Funasa implementasse uma política de atenção à saúde indígena nos moldes que a lei determinava. Pelo contrário, naquele ano as ações e serviços em saúde foram transferidos para terceiros, portanto, as responsabilidades de governo foram entregues para ONGs, prefeituras e organizações indígenas. Como consequência, coube ao Ministério da Saúde, através da Funasa (Fundação Nacional de Saúde), apenas o estabelecimento de convênios com terceiros, fazer o repasse dos recursos e cobrar sua aplicação.

continua na próxima página





do Trabalho solicitou judicialmente que esta política de atenção à saúde terceirizada fosse considerada ilegal. Na ocasião se estabeleceu um prazo para que o Ministério da Saúde reformulasse o modelo de assistência, rompesse com todos os convênios e realizasse concursos públicos para contratação de profissionais da saúde indígena.

A Nova Secretaria Indígena

A proposta da Nova Secretaria vem no momento certo porque é necessário substituir o atual modelo por um novo sistema de atenção à saúde dos povos indígenas adequado às diferentes realidades de cada povo e de cada situação.

Os Povos e as organizações indígenas propõem um modelo que inclua:

1. Transformação dos DSEIs em unidades gestoras
2. Subordinação direta dos DSEIs a uma Secretaria Especial do Ministério da Saúde
3. Criação de uma carreira específica para profissionais de saúde indígena com condições trabalhistas adequadas às complexas e diferentes realidades dos DSEIs, considerando como alternativa, inclusive, a proposta do MS de criação de Fundações estatais de Direito Privado com este fim

(A partir de relatório do Urihisaude Yanomami)

A Funasa ficou sob forte influência política, cujo resultado foi o "loteamento" dos cargos da instituição. A falta do prometido apoio técnico e administrativo da Funasa, a necessidade das organizações recorrerem a não índios, a falta de participação indígena na programação e a falta de controle social, colocaram várias organizações em condição de inadimplência.

Para piorar o quadro, desde 2004 os convênios para a saúde indígena passaram, na prática, a meros instrumentos para a contratação irregular do pessoal do Estado para executar suas próprias ações. Esta foi a conclusão do Ministério Público do Trabalho em seu relatório sobre o assunto, baseado numa profunda avaliação de vários convênios espalhados no país.

O modelo perdurou até o início de 2008, quando o Ministério Público Federal

No seminário sobre saúde indígena, realizado em junho no Mato Grosso temos outras importantes indicações.

É importante que a discussão sobre saúde seja continuada nas aldeias e em encontros e assembleias para que os índios tenham efetiva participação neste processo!! É por isso que vamos fornecer algumas sugestões indígenas que ajudem nesta reflexão e em formular propostas para reordenamento da Saúde Indígena a nível do Brasil.

SEMINÁRIO EM DEFESA DA SAÚDE DOS POVOS INDÍGENAS

Chapada dos Guimarães, 03 a 06 de Junho de 2010.



Estivemos nestas datas reunidos em onze etnias do Mato Grosso: Xavante, Karajá, Bororo, Nambikwara, Rikbaktsa, Kayabi, Tapirapé, Kanela, Krenak e Apiaká para tratarmos das seguintes informações sobre saúde, que é a nossa maior preocupação para o momento, nesta oportunidade o que mais nos preocupou é como iremos ser atendidos dentro dessa nova secretaria e o que irá mudar para melhorar a saúde dos povos indígenas.

A partir desse encontro levantamos algumas propostas de acordo com as nossas necessidades:

1. Que haja união, mobilização e articulação dos povos indígenas para exigir participação nas discussões sobre a política de saúde;
2. Que a estrutura da secretaria especial de saúde indígena seja discutida nas bases;
3. Que na estrutura dos DSEIs tenha a participação dos povos indígenas;
4. Que os recursos sejam destinados para os DSEIs depois de discutidos e aprovados pelos conselhos de saúde;
5. O planejamento (plano distrital) seja discutido no conselho distrital;
6. Que haja o reconhecimento das categorias dos profissionais indígenas de saúde;
7. Que haja capacitação técnica para os profissionais indígenas;
8. Que os demais profissionais de saúde não tenham apenas a formação universitária, mas que passem por um processo de capacitação sobre as culturas e direitos indígenas;
9. Que haja concurso público diferenciado para os profissionais indígenas de saúde;

10. Que haja capacitação dos jovens sobre as medicinas tradicionais;

11. Que a medicina tradicional, os pajés e os curandeiros sejam respeitados e inseridos no sistema de saúde. Que haja inclusive recursos para esta atividade em saúde;

12. Que as equipes multidisciplinares (médicos, enfermeiros, dentistas, entre outros profissionais) atendam com maior frequência as aldeias e que estas equipes sejam ampliadas para este atendimento com o envolvimento efetivo dos

agentes indígenas locais;

13. Que haja capacitação para os conselheiros sobre seu papel e importância, de acordo com suas culturas e tradições;
14. Estruturar as CASAs com profissionais e infraestrutura;
15. Estruturar os postos de saúde das aldeias com equipamentos: médicos, odontológicos, e outros necessários;
16. Assegurar transportes para as aldeias como: barco, carro, etc, e a devida manutenção dos mesmos;
17. Assegurar transportes nos pólos bases;
18. Garantir que nos centros de referência do SUS haja atendimento diferenciado e que os exames e as consultas sejam agendados e cumpridos.

Assinado pelos representantes indígenas participantes do Seminário.



O Seminário teve teatro de bonecos, para ilustrar a situação dos órgãos de assistência aos povos indígenas. Aqui, "Funai" e "Funasa" são representadas por dois bonecos que conversam.

A ESCRAVIDÃ

Tráfico de armas, tráfico de drogas, tráfico de animais silvestres. Crimes terríveis com conseqüências dramáticas para nosso mundo. Mas tráfico de pessoas?! Pessoas humanas feitas objetos de mercado! Isso é terrivelmente chocante e tem que ser combatido com todas nossas forças. Vamos aprender mais sobre este escândalo mundial.

O que é tráfico de pessoas?

Esta extrema violação aos direitos humanos é um fenômeno complexo e multidimensional. A ONU o define como "o recrutamento, o transporte, a transferência, o alojamento ou o acolhimento de pessoas, recorrendo à ameaça ou uso da força ou a outras formas de coação, ao rapto, à fraude, ao engano, ao abuso de autoridade ou à situação de vulnerabilidade ou à entrega ou aceitação de pagamentos ou benefícios para obter o consentimento de uma pessoa que tenha autoridade sobre outra para fins de exploração." O mesmo documento descreve uns tipos de "exploração": mão de obra escrava, sexo comercial – muitas vezes ligado a roteiros de turismo sexual, retirada de órgãos.

Por quê e para quê

O tráfico de pessoas é uma das atividades criminosas mais lucrativas. Segundo dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT), o lucro

anual produzido com o tráfico de pessoas chega a 31,6 bilhões de dólares para as redes criminosas.

Pelo menos 43% das pessoas traficadas são vítimas da exploração sexual. 32% para trabalho escravo. 83% dos casos envolvem mulheres, sendo 48% menores de 18 anos. Isso no mundo todo.

No Brasil já foram mapeados 241 rotas de tráfico interno e internacional de crianças, adolescentes e mulheres brasileiras.



O CONTINUA

De onde e para onde

O tráfico e exploração de seres humanos por outros seres humanos crescem no mundo inteiro. Os países mais ricos formam o mercado consumidor, ou seja, são os fregueses dos traficantes. O maior número de vítimas vem dos países pobres ou dos com alto índice de pobreza.

É importante apontar que, embora muitos casos referentes ao tráfico de pessoas envolvam vítimas brasileiras, o Brasil também tem sido o destino de muitas mulheres e meninas de países da América do Sul que são traficadas para fins de exploração sexual comercial, bem como de homens e meninos que são trazidos ao país para a exploração de trabalho escravo.



É preciso reagir!

Este tipo de atividade é muito intenso nas fronteiras. Por isso o 3º Encontro de Fronteiras (Brasil, Venezuela, Guiana) foi organizado pela Pastoral Indígena da Diocese de Roraima e a Equipe Itinerante. Contou com a participação dos bispos: Roque Paloschi de Roraima, Francis Alleyne de Georgetown na Guiana, Jesus Guerrero de Caroni na Venezuela e cerca de 60 pessoas entre missionários religiosos e leigos, indígenas e assessores dos três países.





Representantes das igrejas de Fronteira.

Reunidos em Lethem (cidade fronteira da Guiana), eles alertaram que crianças e adolescentes indígenas podem estar sendo levadas para outros países para fins de exploração sexual.

Saúde nas fronteiras

Os participantes do encontro constataram que a mobilidade humana e o tráfico de seres humanos e de drogas não são os únicos problemas que os povos na fronteira enfrentam. A precariedade dos sistemas de atendimento à saúde tornou-se o centro das discussões. De acordo com depoimento de vários participantes os órgãos de atendimento à saúde indígena na cidade de Boa Vista, em Roraima, tornaram-se o centro de convergência para pacientes indígenas da Venezuela e Guiana.

Para este problema, o bispo de Roraima orienta: "a solução é fazer aquilo que é possível, o que a lei permite, às



Bispos que participaram do Encontro.

vezes contando até com a boa vontade de administradores. O mais importante é dar as condições para que as comunidades indígenas possam continuar lutando por uma saúde de qualidade, de modo especial também nos países vizinhos."

Para Dom Francis de Georgetown (capital da Guiana), primeiramente as organizações indígenas e pastorais da igreja católica naquele país precisam saber quantos indígenas costumam buscar ajuda no Brasil e quais as doenças mais frequentes. Para ele outra preocupação é o crescimento da população de brasileiros em várias cidades da Guiana. "Tem muitos brasileiros na Capital e muitos garimpeiros pelo interior. A Igreja local tem de se preparar para atender a essa crescente população".



Detalhe do cartaz do Ministério da Justiça em campanha contra o Tráfico Humano.

Compromisso

O encontro procurou ser "uma luz de esperança e uma resposta ao grito de sofrimento e dor que passam as populações das fronteiras" diz o Dom Roque. Na Carta Mensagem dos participantes eles declararam: "...queremos assumir, no caminho da pequenez e na comunhão, o compromisso de fortalecer uma ação integrada para garantir o direito à saúde as populações destas três fronteiras.

*Fontes para este artigo:
J. Rosha, CNBB, ONU, MJ*

UMA LEI CONTRA A LEI

ALDO REBELO propõe a reforma do CÓDIGO FLORESTAL:

O deputado Aldo Rebelo (PC do B-SP) está propondo que o Congresso aprove a reforma do Código Florestal. A lei proposta tiraria a proteção ao Meio ambiente que o atual código garante. O que agora é crime ambiental se tornaria permitido pelo "Novo Código".

O próprio deputado reconhece que a reforma do código que ele propõe tem chance de ser aprovada porque: "...no caso das regras sobre o desmatamento de propriedades rurais, há muito interesse econômico e corporativo diretamente envolvido."

Terra sem lei

"Em dez anos, os desmatadores destruíram 2,6 mil km² na Mata Atlântica; e 176 mil km² na Amazônia. Em sete anos, foram 85 mil km² de Cerrado; 4,3 mil km², no Pantanal; e 16,5 mil km², na Caatinga. E o que o Congresso está discutindo não é como parar o crime, mas

como perdoar os criminosos. Esse é o principal ponto que torna o projeto do deputado Aldo Rebelo um equívoco. Ele leva o Brasil na direção oposta do que se deve ir. O que os poderes da República poderiam estar considerando é: dado que o atual Código não impediu essa destruição toda, o que fazer para que as leis possam ser cumpridas? A discussão urgente é como proteger os rios, aumentar o saneamento básico, garantir que a faixa de mata ciliar seja recomposta. Mas o que a proposta de novo Código Florestal estabelece é como reduzir a proteção aos rios, diminuindo o tamanho das APPs (Área de Preservação Permanente)".

Coluna de Miriam Leitão - O Globo, 12/6, Panorama Econômico, p.26.

Aldo Rebelo é o carrasco da floresta, diz Curupira

Por José Ribamar Bessa Freire em 13/06/2010, com ilustrações de Artur Dias
Fonte: Terra Magazine.

"O deputado Aldo Rebelo me agrediu, bateu no meu corpo com um porrete, rasgou minha camisa, tentou me eliminar a mando da senadora Kátia Abreu! Há testemunhas. Estou registrando a queixa. Ele vai pagar caro por essa agressão, vai perder a eleição."

Quem fez essa denúncia grave, em entrevista exclusiva à coluna Taquiprati do Diário do Amazonas,

foi o jurista Curupira Ramos, sentado sobre um jabuti que lhe servia de banco, em sua casa no meio do mato, com as pernas cruzadas, os pés virados para trás, o cabelo vermelho, os dentes verdes, as orelhas enormes e o corpo tão peludo quanto o do seu sobrinho Tony Ramos (a genética é impressionante, não falha nunca!).

Doutor Curupira, o senhor existe de verdade?

Lógico!
Se eu não existisse, não poderia ser agredido. Essa pergunta é impertinente, você deve fazê-la ao Aldo Rebelo. Aliás, minha existência é reconhecida pelo projeto de lei Federal nº 2.762 que cria o Dia do Saci - o único que Aldo apresentou em 2003, como líder do governo. Ora, se até o meu primo, que tem uma perna só...



Desculpe, Excelência, é que dizem que vós sois uma invenção do homem.



E daí? O Código Penal também é uma invenção do homem para organizar a sociedade! Só porque Foi inventado não têm vida? Claro que tem! Aliás, existe justamente porque Foi criado. As pessoas acreditam no Código Penal e pautam seu comportamento em função dele. Tudo aquilo que o ser humano cria, passa a existir. A alegria e a tristeza também não têm Forma Física, mas existem porque a gente pensa nelas. Os homens pensam em mim. Sou pensado, logo existo.

O que é que Vossa Excelência Faz, afinal, na vida?

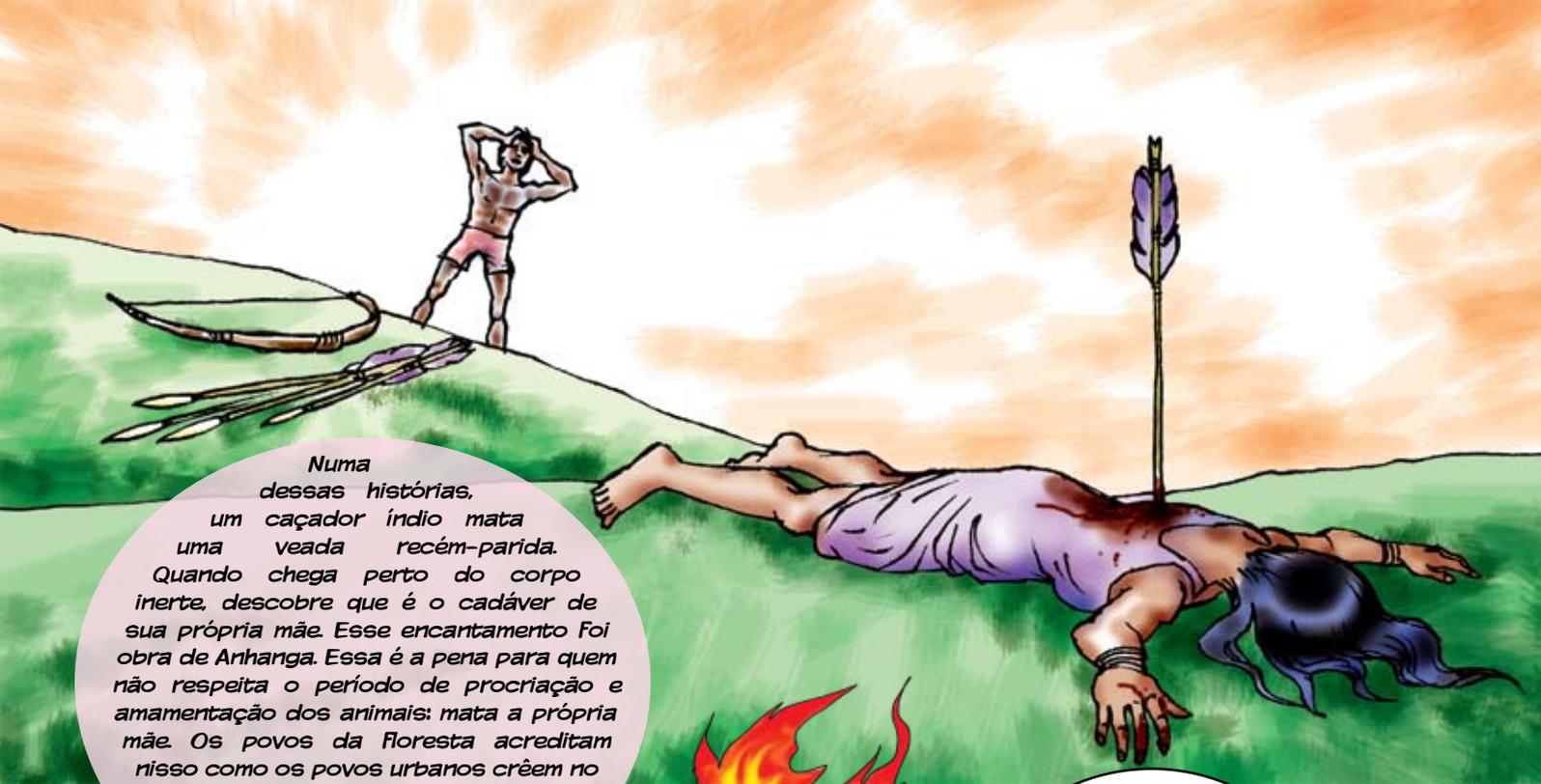
Sou legislador e, ao mesmo tempo, guardião da mata. Crio leis de proteção ao meio ambiente. Defendo a vida e a Floresta. Protejo as árvores, os animais, os rios da ação predatória e burra.

Punir como? O Meritíssimo tem poder de polícia? Pode exemplificar?

O Fundamento Filosófico de nossa legislação é que a natureza existe para todos nós, devemos retirar dela exclusivamente aquilo que é necessário para nossa sobrevivência. Devemos repor o que tiramos. Se não For assim, a espécie humana desaparece. Por isso, criei um código que, como a Constituição dos EUA, não é escrito, são leis que fazem parte do direito consuetudinário (Fundado nos costumes). Castigo e puno os predadores que cometem crime ambiental



Perfeitamente! Minhas leis são codificadas em narrativas. O código escrito tem artigos e parágrafos. O código oral tem histórias e exemplos. Quem entendeu isso muito bem Foi Couto de Magalhães, um advogado mineiro. Quando ele assumiu a presidência do Pará, em 1865, compilou a legislação oral, recolhendo centenas de histórias na língua nheengatu, contadas por índios e caboclos.



Numa dessas histórias, um caçador índio mata uma veada recém-parida. Quando chega perto do corpo inerte, descobre que é o cadáver de sua própria mãe. Esse encantamento foi obra de Anhangá. Essa é a pena para quem não respeita o período de procriação e amamentação dos animais: mata a própria mãe. Os povos da floresta acreditam nisso como os povos urbanos crêem no Código Penal. E é porque acreditam que preservaram a diversidade da vida.

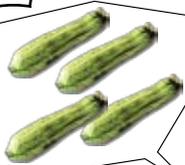
Mas o deputado Aldo Rebelo não sabia disso tudo, quando no dia 9 de junho, na Comissão Especial da Câmara, terminou a leitura do seu parecer para mudar o Código Florestal brasileiro?

Não quero ofender, mas aqui pra nós, o Aldo é meio obtuso, bronco, parece que comeu coquinho de tucumã. Seu parecer de 270 páginas demonstra profunda ignorância sobre a história e as culturas amazônicas. Afirma que "índios e caboclos, depois de lutar contra o meio inóspito, ainda vivem como viviam seus antepassados há centenas ou milhares de anos, dominados pelas forças da natureza, perambulando nus ou seminus, abrigados em choças insalubres"... Está escrito lá na página 21 do parecer. Nenhum pesquisador no mundo assina embaixo de tal bobagem.

Doutor Curupira, o meritíssimo já encontrou com o Aldo lá na floresta? Porque se ele fala tanto, é porque deve ter andado por lá.

O Aldo nunca colocou o pé na floresta. Por isso, acha que a mata é hostil. É hostil pra ele, não para os povos que fizeram da floresta sua morada. O arquiteto Severiano Porto elogia a construção de malocas, confessa que aprendeu arquitetura com os índios.

ele desconsidera mudanças e revoluções ocorridas nas sociedades amazônicas, registradas pelos arqueólogos. Ignora a arte, a música, a literatura, os conhecimentos na área de botânica, zoologia, astronomia, medicina, produzidos pelos índios. Nem suspeita que os índios criaram um código florestal oral. Ignora que a Amazônia foi 'conquistada' pelos índios, que 5.000 a.C já desenvolviam agricultura sofisticada, com a domesticação da mandioca e de outras plantas.





Embora desconheça a floresta, Aldo diz que leu dezenas de livros sobre o tema...

Não leu, meu Filho! A proposta do Aldo ignora os estudos feitos pelas universidades e centros de pesquisa. Em vez de chamar quem manja do assunto, foi procurar a Samanta Piñeda, que é consultora jurídica da bancada ruralista. Pagou R\$ 10 mil com dinheiro nosso pra ela escrever aquela lengalenga.

Em que consiste, afinal, o projeto do deputado?



Não entendo. O que é que o deputado ganha com isso?

Ganha a simpatia e o apoio dos ruralistas, do agronegócio. De acordo com a página na internet da ONG Transparência, a campanha de Aldo para as eleições de 2006 recebeu R\$ 300 mil da Caemi-Mineração e Metalúrgica, R\$ 50 mil da Bolsa de Mercadorias e Futuros, R\$ 50 mil da Votorantim Celulose e Papel e por aí vai.

O projeto desmonta toda a legislação que protege a floresta: suspende multas de crimes ambientais, anistia desmatadores, reduz as Áreas de Preservação Permanente (APPs) permitindo a realização de atividades econômicas dentro delas, dispensa a reserva legal em propriedades menores, incentiva a exploração de várzeas e topos de morro, dá autonomia para cada Estado legislar sobre meio ambiente, permite que os municípios passem a autorizar o desmatamento. Não está preocupado com os interesses nacionais, mas com interesses particulares de quem quer o lucro imediato.



Lembra o que aconteceu em Santa Catarina? Lá, o Governo reduziu as margens de mata ciliar ao longo dos rios e todo mundo viu a tragédia ocasionada pelas últimas chuvas. Se o projeto for aprovado, vai provocar impactos ambientais irreversíveis e a emissão de 25 bilhões a 31 bilhões de toneladas de gás carbônico só na Amazônia, segundo os especialistas. Nos outros países existem também curupiras. Eles vão boicotar o produto brasileiro em decorrência do desmatamento que o Código vai permitir.

Excelência, me diga, o Aldo não é deputado do PCdoB, um partido que sempre defendeu, em tese, os Fracos, a floresta...



Meu Filho, o relatório do Aldo é uma afronta à sociedade e ao patrimônio ambiental do Brasil. Aldo está se comportando como um agente da bancada ruralista. Ele já passou para o outro lado, falta apenas formalizar sua filiação ao DEM, onde é o lugar das idéias interesseiras que ele defende. Aldo Rebelo é o anti-curupira, o carrasco da floresta.



O professor José Ribamar Bessa Freire coordena o Programa de Estudos dos Povos Indígenas (UERJ), pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Memória Social (UNIRIO) e edita o site-blog Taqui Pra Ti.

Bahia: mais arbitrariedades atingem povo Tupinambá.

A indígena Glicéria Tupinambá foi presa pela polícia Federal no feriado de Corpus Christi, quando retornava da reunião da Comissão Nacional de Política Indigenista, onde representa seu povo.

Glicéria é irmã do cacique Babau, preso desde março, e é mãe de um bebê de dois meses, o qual foi levado junto a ela para um presídio na cidade de Jequié, a mais de duzentos quilômetros de sua aldeia, no sul do Estado da Bahia.

O pesadelo vivido por Glicéria começou quando ela desembarcou no aeroporto de Ilhéus, Bahia: segundo Luiz Titiá Pataxó, que presenciou tudo, três policiais abordaram Glicéria, levando-a para a Sede da Polícia Federal em Ilhéus, onde foi interrogada a tarde inteira. Ao sair da polícia, Glicéria recebeu voz de prisão da delegada Federal Denise.

A alegação é de que Glicéria teria participado do seqüestro de um carro da companhia Meta, que presta serviços de energia elétrica na região de Buerarema, onde fica a terra indígena.

A ordem de prisão foi dada pelo juiz

Antônio Hygino, que já classificou os Tupinambá como "falsos índios", em declarações na imprensa.

Neste momento, há uma preocupação com as condições psicológicas e físicas de Glicéria, e mais uma vez se faz necessário denunciar as arbitrariedades cometidas pelas forças de Estado que atuam na região do sul da Bahia.

Os Tupinambá vêm sofrendo uma série de ataques por parte da Polícia Federal, com agressões, depredação de seus bens e intimidação a mulheres, velhos e crianças.

Em 10 de março, durante a madrugada, policiais federais in-

vadiram a casa do cacique Babau, onde o espancaram e prenderam, sem apresentar sequer um mandado de prisão.

Essa seqüência de ações violentas, contra um povo que luta por algo que é seu, mostra que ainda pesa nessa questão o poder político e econômico dos invasores da terra indígena Tupinambá.

(Com informações da Assessoria de Imprensa do Cimi e Cimi Itabuna)



Uma publicação a serviço dos povos indígenas e da Amazônia.

ASSINATURA ANUAL:

Não-índio: R\$ 25,00

Indígena: R\$ 12,00

Apoio: R\$ 50,00

EXEMPLARES AVULSOS: R\$ 3,00

Marque aqui o seu tipo de assinatura:

- Anual
- Renovação
- Indígena
- Apoio
- Exterior

Pagamento

- Cheque Nominal
- Depósito Bancário

Em: ___ / ___ / ___

Depósito Bancário:

Banco Bradesco Agência **3109-7**

Conta Corrente **135641-0**

Em nome de **Conselho Indigenista Missionário**

Para fazer assinatura do Mensageiro, preencha o cupom no verso desta página, e envie para o endereço abaixo.

Editora Mensageiro
Caixa Postal 41
66017-970 Belém, Pará

fone: 091- 3252 - 4164
Fax: 091- 3252 - 2312
E.mail: cimiblm@amazon.com.br

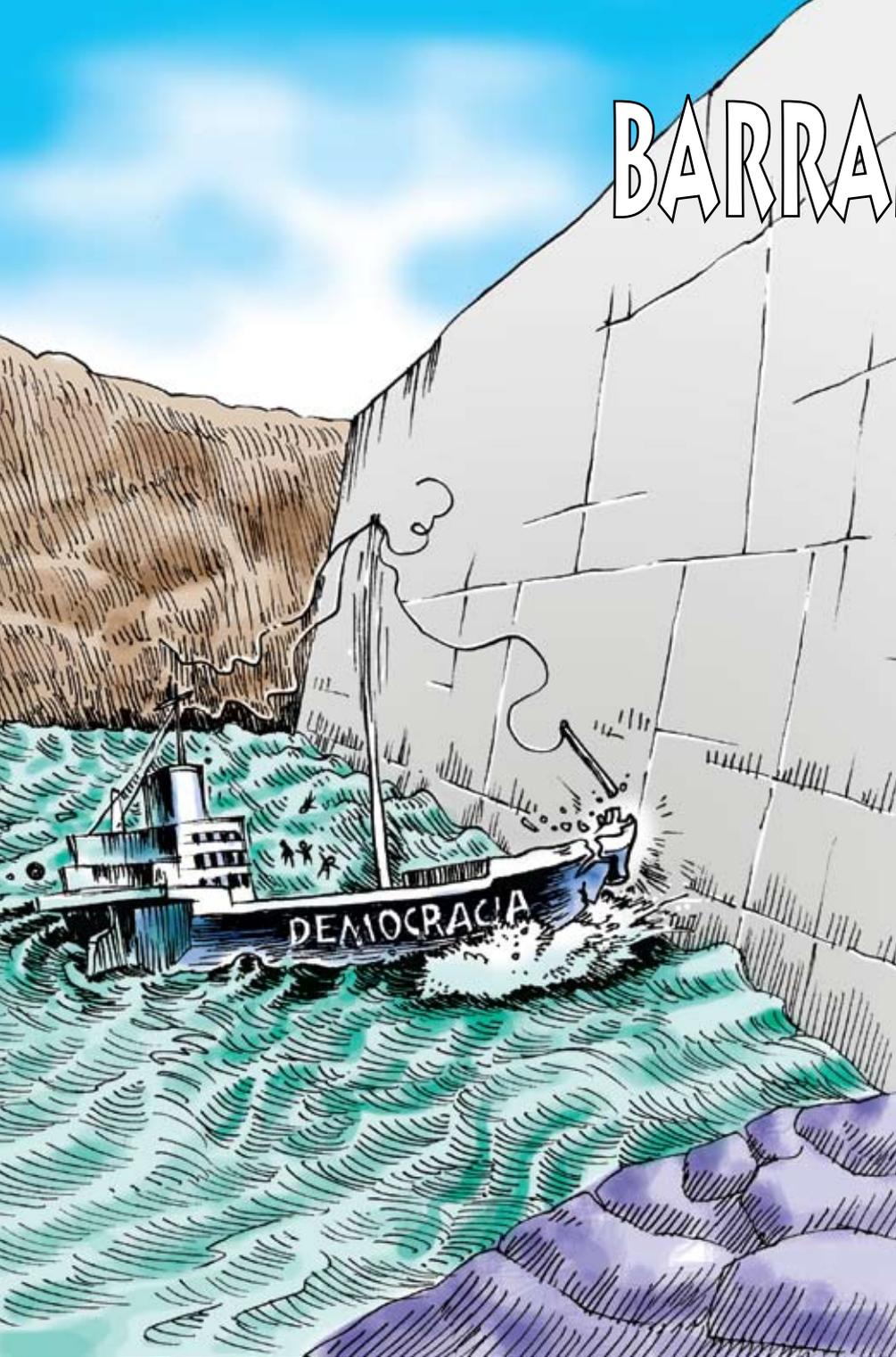
BARRANDO RIOS, BA

Ainda Belo Monte!

Temos mostrado, em várias edições do Mensageiro, que a construção de barragens na Amazônia tem sido um atentado à floresta e aos povos tradicionais. Porque, então, tem pessoas que estão a favor de hidrelétricas?

As empreiteiras, é lógico, têm um lucro enorme e o dinheiro movimenta a política, desde os que são beneficiados diretamente até os que lucram indiretamente. A classe dos comerciantes pensa em ganhar com o aumento de vendas e de pessoas. Tem índios que não querem renunciar às mordomias e vantagens que a Eletronorte promete e, às vezes, dá. Comprar as pessoas deveria desacreditar quem dá, pelo fato que a proposta precisa ser regada com dinheiro.

Depois tem os Meios de Comunicação Social, a mídia, controlados pelos donos dos recursos e que procura convencer com argumentos como: energia limpa, ameaça de apagão permanente, necessidade do progresso, os índios são influenciados, a igreja gosta de



Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Fone: _____

CEP: _____ Cidade: _____

Estado: _____ País: _____

Importante: Envie por fax ou correio – junto com o cupom preenchido o comprovante (ou cópia) do seu depósito

ERRANDO VERDADES

brigar sem necessidade, devem ter interesses estrangeiros nesta briga.

Vivemos uma democracia e todos têm o direito de falar, o direito de tentar convencer os outros de sua razão. Mas imaginamos que o discurso deve ser a verdade e aqui a coisa fica delicada. Porque quando alguém conta só aquilo que lhe interessa, em vez da verdade vem a embromação e a meia-verdade. Às vezes nos pega de surpresa, desinformados, sem condições de avaliar se aquilo que está sendo dito é verdadeiro ou não. Aí é que, muitas vezes, acabamos nos convencendo de algo errado.

Os que querem barrar as águas do lindo Rio Xingu também querem barrar o debate aberto e honesto deixando só sua opinião ser ouvida. Na verdade o que está em jogo não é somente Belo Monte. A energia é necessária, mas Belo Monte não é a única alternativa e para nós não é uma boa alternativa.

São dois mundos em conflito, duas maneiras de relacionar-se com a natureza, duas maneiras de entender o progresso, duas maneiras de administrar os bens, duas maneiras de viver em sociedade. Os Povos Indígenas não entendem que alguém persiga a produção de bens a qualquer custo mesmo ferindo a natureza; não entendem que alguém possa lucrar mesmo prejudicando os outros, não entendem que para progredir seja necessário sofrer e renunciar ao belo.

Nós também não entendemos e por isso não concordamos com Belo Monte.

Não somos poucos, não estamos sozinhos e esperamos que a sociedade reflita sobre este problema.

Junte-se a nós e trabalhe por um Brasil com energia, com a natureza preservada e com justiça social garantida.

Lideranças indígenas em Altamira

São 20 anos e ainda não desistem:

O Rio Xingu está ameaçado, pois a Hidrelétrica de Belo Monte afetará os recursos naturais, que inclui a caça, pesca, transporte, impactando e prejudicando diretamente a vida de todos, Povos Indígenas e as comunidades do entorno que dele sobrevive.

Sabem que tem não índio a favor:

Queremos manifestar para vocês, parentes nossos, a nossa tristeza de saber que estão a favor de Belo Monte. Ficamos tristes por causa do futuro que irá acontecer com todos vocês e os habitantes do Xingu.



Durante a visita do presidente Lula a Altamira, representantes dos movimentos sociais se juntaram aos povos indígenas, nas ruas da cidade, para dizer não a Belo Monte. Foto de Luiz Cláudio Teixeira.

Enfrentam a Eletronorte que os enganou e que tenta dividir os índios:

A Eletronorte e o governo mentiram e omitiram inúmeras informações e depois alegaram que haviam cumprido com todas as formalidades que a lei exigia pra uma obra deste porte.

Apesar das manobras explícitas da Eletronorte em dividir os indígenas. Ainda assim muitos se manifestaram contrários a Belo Monte, sendo que as vozes favoráveis foram somente de umas poucas lideranças, na maioria jovem e que recebem comumente agradecimentos da Eletronorte pra ficarem a favor desta seja em que situação for e que não tem poder de decisão em suas aldeias.

Definitivamente a luta contra Belo Monte está apenas começando:

Escreveram carta aos parentes pra que estes tomassem conhecimentos dos enormes riscos que a hidrelétrica representa e reafirmando que continuarão na luta contra a hidrelétrica de Belo Monte. Também uma carta a sociedade foi escrita onde denunciam a forma desrespeitosa que vem sendo tratados pelo presidente Lula.

Quem somos?

Essa reunião contou com a presença de várias lideranças e representantes dos povos Xikrin, Parakanã, Kuruaia, Assurini do Xingu, Arara do Cachoeira Seca, Araweté, Juruna do Pakisamba e do Km 17 e os Arara da Volta Grande do Xingu, além de todos os representantes Kayapó, Yudja e Tapayuna do Pará e do Mato Grosso e a Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB).

Revoltados com essa situação, os povos indígenas reafirmam sua posição contrária à obra!

Extraído de artigo de Luiz Cláudio Brito Teixeira, que estava presente ao encontro.



EDUCAÇÃO TRADICIONAL E EDUCAÇÃO ESCOLAR TEMPOS E ESPAÇOS

*"A escola é uma grande árvore,
enraizada na história,
na língua, cultura, tradição,
mitos, crença do povo...
de onde gera frutos de vida
para a comunidade."
(10º Encontro Pedagógico
Sateré Mawé)*

Nossa escola indígena estadual é específica do nosso povo e da nossa cultura. Ela é diferente. Nossa escola não é igual escola de branco. Nossa escola é dentro da nossa cultura.

Na escola Mÿkÿ vai junto o antigo e o novo. Sempre vai junto à educação tradicional do nosso povo, como que toda a comunidade é responsável pela educação das crianças. Como que pai faz para ensinar filho dele. Como que mãe faz para ensinar filha dela.

Educação tradicional e educação escolar a gente fala que é caminho de mão dupla. Tem coisas da cultura e tem coisas da escola. Mas tudo é educação.

Tem a casa tradicional e a casa da escola.

Agora nós precisamos da escola para aprender muita coisa nova, mas nós não podemos esquecer nossa cultura.

E não pode esquecer nossa língua.

Criançada aprende na língua e aprende também em português.

Nossa escola indígena estadual é específica do nosso povo e da nossa cultura. Ela é diferente. Nossa escola não é igual escola de branco. Nossa escola é dentro da nossa cultura.

Na escola Mÿkÿ vai junto o antigo e o novo. Sempre vai junto à educação tradicional do nosso povo, como que toda a comunidade é responsável pela educação das crianças. Como que pai faz para ensinar filho dele. Como que mãe faz para ensinar filha dela.

Educação tradicional e educação escolar a gente fala que é caminho de mão dupla. Tem coisas da cultura e tem coisas da escola. Mas tudo é educação.

Tem a casa tradicional e a casa da escola.

Agora nós precisamos da escola para aprender muita coisa nova, mas nós não podemos esquecer nossa cultura.

E não pode esquecer nossa língua.

Criançada aprende na língua e aprende também em português.

Os conhecimentos que temos de aprender são:

- As histórias que os mais velhos contam;
- A história de nosso povo antigamente e a história do contato com o branco;
- A história dos outros povos indígenas;
- Temos de aprender sobre a natureza;
- Os conhecimentos dos mais velhos;
- Derrubada da roça;
- Artesanato;
- Medicina do mato;
- Caçada e pescaria;
- Danças e rituais;

É importante para nós aprender o conhecimento dos mais velhos. Eles sabem tudo dos animais de caça, dos pássaros, dos nomes das pessoas, são os velhos que ensinam para os adolescentes e os jovens a caçar e a pescar.

Os professores têm de passar tudo isso para os alunos e alunas na escola. E a gente não aprende só dentro da escola, a gente



aprende também lá fora com seu pai, a derrubar a roça, plantar mandioca, feijão, tudo da roça. E tudo dos bichos também.

O pai tem de ensinar a fazer o xire, apanhar o buriti que só tem na beira do rio. Fazer a flecha com pena de mutum e acertar a taquara no fogo e costurar a pena.

O pai tem de ensinar sobre "Jéta" que é o nosso "Vizinho". Quando menino vai conhecer a "Jéta" tem de pintar e, na roça, arruma os paus pintados que representam o homem e a mulher.

A mãe tem de ensinar tudo para a menina: ensinar sobre a menina moça, ensinar o artesanato de fiar e tecer o algodão, fazer chicha de milho.

É muito importante para nós aprender e ensinar nossa língua materna. A língua materna é nossa cultura.

Mas também temos de aprender o português. O português serve para defender nosso direito e nossa terra, serve para escrever documento, falar na cidade e com os outros parentes.

Também precisamos aprender a matemática porque na cidade nós fazemos compra no mercado e para não acontecer branco roubar nós. Precisa saber quanto de dinheiro gasta e quanto que sobra. Mas é importante saber que os antigos também tinham conhecimentos de matemática porque sabia fazer casa, fazer xire, sabia tamanho de roça, sabia tamanho da nossa terra.

Hoje nós também temos de aprender geografia para saber quantos hectares de terra é nosso território, saber localizar o Brasil e o mundo. Precisamos saber o que está acontecendo no mundo, guerra que está acontecendo no Iraque e coisas de outros lugares e outros povos.

Precisamos saber a história dos antigos, a história de Mÿkÿ depois do contato, a história e a luta dos outros parentes, povos indígenas e a história do nosso país que é o Brasil.

Também temos de aprender, na língua e em português sobre todos os bichos, plantas, remédios, pau que tem na nossa terra. E aprender que não pode desmatar nossa terra, não pode deixar rio ficar poluído, tem de cuidar da terra, da água.

Texto elaborado pelos professores Mÿkÿ Aldeia Japuira _ 2007

**A MÃE NATUREZA ESTÁ NO LIMITE DE
UM COLAPSO ECOLÓGICO;**

**A POLÍTICA BRASILEIRA ESTÁ NO
LIMITE DA DECÊNCIA;**

**A SAÚDE INDÍGENA ESTÁ NO LIMITE
DO DESMORONAMENTO;**

**A REFORMA DO CÓDIGO FLORESTAL
COLOCA A MATA NO LIMITE DA
SOBREVIVÊNCIA;**

**AS ÁGUAS DO RIO XINGU ESTÃO NO
LIMITE DE SER REPRESADAS.**